

De *Los Libros a Punto de Vista*: continuidades e rupturas em revistas da nova esquerda argentina

Raphael Nunes Nicoletti Sebrian¹
Professor Adjunto de História da América da UNIFAL-MG
rsebrian@gmail.com

Em março de 1978, em circunstâncias sociais, econômicas e políticas de aprofundamento do terrorismo de Estado, surgiu em Buenos Aires a revista *Punto de Vista*. Definida por seus criadores como uma “revista de cultura”, a publicação se preocupou em continuar a desenvolver uma maneira de ler a sociedade (o seu “ponto de vista”), pormenorizando um olhar elaborado desde fins dos anos 1960 em espaços variados pelos intelectuais que publicaram o novo periódico em 1978. Esse modo de ler a sociedade e as suas elaborações culturais, assim como a atuação política, tinha a sua história: centrado, nos anos 1960, principalmente nas referências do estruturalismo, gradativamente se politizou sob a égide dos debates acerca do comunismo até que, desde o início dos anos 1970, afastou-se do cânone estruturalista francês e incorporou matrizes críticas a um pensamento desatento à possibilidade da revolução política, econômica, social e cultural.

Pode-se dizer que um dos projetos intelectuais dos anos 1960 que continuou em *Punto de Vista* foi aquele desenvolvido na revista *Los Libros*. Tal periódico começou a circular na Argentina em 1969, fundado e dirigido por Héctor Schmucler, recém-chegado da França, onde tinha estudado com Roland Barthes. Em *Los Libros*, três intelectuais que posteriormente foram decisivos para a história de *Punto de Vista* trabalharam juntos. Por conta da publicação, Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano se aproximaram ainda mais de alguém que conheciam, Ricardo Piglia. Na segunda metade da década de 1960, Piglia havia começado a publicar seus textos literários, sobretudo contos, e contribuía em periódicos diversos, atuando em editoras e tendo participado, junto com Schmucler, da criação e do desenvolvimento da revista *Los Libros*, conforme explicou em entrevista a Jorge Wolff.²

Los Libros tornou-se, entre 1969 e 1976 (enquanto circulou), um espaço de estabelecimento, conforme síntese precisa de José Luis de Diego, de uma série de novidades que tiveram impacto nos anos posteriores entre os intelectuais argentinos, a saber:

[...] a) a origem e o desenvolvimento de uma nova crítica, alguns dos seus representantes ocuparão um lugar central nos oitentas e nos noventas; b) a presença privilegiada – enquanto *objeto* dessa nova crítica – de textos literários de recente aparição, o que produz uma crescente contaminação entre um discurso crítico cada vez mais preocupado com a elaboração *formal* de sua escritura e uma produção literária cada vez mais inclinada a incorporar em suas ficções o que aparece como uma demanda da nova crítica: a crise de um modo de conceber a literatura como representação do mundo social – muitas vezes considerada “ingenuamente realista” – pode ser lida como o resultado dessa contaminação; c) a atualização teórica – aberta a saberes diversos: marxismo, psicanálise, estruturalismo, semiologia, etc. – e a sofisticação discursiva geram a ilusão de *cientificidade* da prática crítica sustentada na *segurança* no manejo de seus instrumentos; a partir daí, é possível revisitar aos clássicos da geração que os antecede e assim marcar as diferenças: Sábato, Marechal, Viñas, Cortázar, Bioy Casares, etc.; d) a quarta novidade é a presença na revista de uma espécie de *crítica de controle* para manter os instrumentos de análise devidamente aceitos; é frequente ler uma prática de “crítica da crítica” na qual os livros de crítica publicados pelos colaboradores de *Los Libros* são criticados por seus colegas, de modo que os colaboradores são alternativamente *sujeito* e *objeto* do discurso crítico. [...].³

Para a consecução do projeto de *Los Libros*, principalmente em seus anos finais, Altamirano, Piglia e Sarlo foram fundamentais. Além deles, outros intelectuais que depois se vincularão a *Punto de Vista* mais estritamente, como José Aricó e Juan Carlos Portantiero, também colaboraram em *Los Libros*, sem contar outros que escreverão em *Punto de Vista* ou estarão envolvidos em debates com a revista nos anos 1970, 1980 e 1990, entre os quais se destaca, certamente, Héctor Schmucler, importante figura outrossim na revista *Controversia*. Altamirano, Piglia e Sarlo, ao lado de Schmucler e outros, esforçaram-se para a definição dos princípios dessa “nova crítica”, praticada por indivíduos que participavam daquilo que seria chamado, anos depois, de “nova esquerda intelectual”. Reivindicaram, como aponta De Diego⁴, a revista como criadora de um “novo espaço”, como se disse na publicação em tom marcadamente estruturalista. Essa autorreivindicação apareceu no número 01, em um texto-editorial:

Os comentários que cercavam o aparecimento da primeira edição de *Los Libros* coincidiram em afirmar um lugar comum: “a revista preencherá um vazio”. A aventura de construí-la – embora repleta de incertezas – tinha sido imaginada, de fato, em virtude do estímulo de ausências perturbadoras; mas o sentido real que a justificava apenas se tornou visível na prática da sua elaboração. As hesitações iniciais foram de ordem semântica: como definir aquilo que enuncia sua inexistência? O vazio, se requer, apesar de tudo, uma formulação lógica, aparece como a área onde se estabeleceu um limite. Começa onde termina algo determinado, no momento em que esse algo indica seu silêncio; o vazio como tal não indica nenhuma diferença. Na prática modeladora da revista se conheceram os dados da realidade que comporta um vazio e que, simultaneamente, formula requerimentos para cobri-lo. Trata-se, pois, de criar um espaço que, no caso de *Los Libros*, tem um terreno preciso: a crítica. Dar-lhe um objeto – defini-la – e estabelecer os instrumentos de sua realização permitiram desenhar a materialidade com a qual se pretende preencher o “vazio” da recordada expressão de circunstância.

Los Libros não é uma revista literária. Entre outras coisas porque condena a literatura no papel de ilusionista que tantas vezes lhe foi atribuído. A revista fala do livro, e a crítica que se propõe está destinada a dessacralizá-lo, a destruir sua imagem de verdade revelada, de perfeição a-histórica. Na medida em que toda linguagem está carregada de ideologia, a crítica aos livros sublinha uma interrogação sobre as ideias que eles contêm. O campo de tal crítica abarca a totalidade do pensamento. Porque os livros, concebidos mais além do simples volume que agrupa um número determinado de páginas, constituem o texto onde o mundo se escreve a si mesmo.⁵

A repetição da missão de *Los Libros* ao longo do texto – “preencher o vazio”, com a palavra “vazio” como algo que reverbera – explicita como o grupo que a criou, liderado por Schmucler (Piglia não aparecia efetivamente, apesar de colaborar desde o início, enquanto Sarlo e Altamirano só viriam depois), acreditava em uma missão para a revista e se propunha um desafio marcante para a crítica a realizar, afinal, essa abarcaria, como objeto, “a totalidade do pensamento”. Tal posicionamento pode ser melhor compreendido se aproximado dos esforços críticos em voga naquela conjuntura, especialmente do estruturalismo. De qualquer maneira, nem tudo cabia na totalidade a ser analisada na revista, como indicou Schmucler em entrevista a Jorge Wolff:

Havia uma opção coletiva, digamos, pensada, que era a oposição às modas, às modas no sentido de uma coisa fabricada. Mas também havia muitas opções determinadas pelos colaboradores da revista, e as opções eram mais especificamente de quem era convidado a colaborar e não tanto um pensamento coletivo sobre literatura. Mas havia sim um grupo mais próximo da revista... uma valorização de uma literatura que fosse coerente com esta ideia da cultura em geral que tínhamos como valorização daquela cultura que era revulsiva, que era crítica, crítica em um sentido amplo [...].⁶

Nos anos iniciais da publicação, aqueles que se convencionou chamar de fase inicial ou de primeira fase (aproximadamente até 1971-72), *Los Libros* desenvolveu de maneira significativa esse projeto crítico, com alcance mesmo entre aqueles que preferiam discursos mais voltados à discussão das possibilidades da revolução em uma conjuntura perturbada. Tratando desses anos iniciais, disse Beatriz Sarlo, em entrevista a Jorge Wolff:

– Você disse em uma entrevista que considera mais significativa a primeira etapa de *Los Libros* do que o que veio depois. Como você leria esta primeira etapa?

– Essa é minha opinião, creio hoje que é mais significativa porque acredito que tinha um projeto mais amplo e mais firmemente estabelecido no campo intelectual. Creio que foi uma revista da modernização, uma das ondas, possivelmente a última onda antes da ditadura militar, da modernização teórica na Argentina. [...]

Quando sai em 1969 ainda nos parecia relativamente aceitável uma revista de atualização bibliográfica, que claramente girou sobre alguns polos teóricos: o marxismo, a psicanálise, a linguística, o estruturalismo antropológico, a antropologia estrutural, as teorias da comunicação. Diria que a revista pensou em intervir muito fortemente nesses polos teóricos. A universidade estava fechada para quase todas as pessoas que estavam na revista e portanto a revista de alguma maneira se ocupava de um material que em momentos mais normais de uma sociedade está nas instituições acadêmicas.

[...] [as notas e artigos eram] novidades para um público um pouco mais amplo, não novidades para o público mais restrito, para os atores mais restritos: batalhas ideológico-teóricas para um público mais amplo. Parece-me que esses primeiros dez números [...] cumprem efetivamente essa tarefa de modernização teórica e de desafio teórico.⁷

José Luis De Diego⁸, a esse respeito, asseverou que princípios marcantes do discurso crítico dos anos 1970 encontraram lugar para seu desenvolvimento particular em *Los Libros*: “a relação crítica-política”, que se resolve apenas no discurso crítico, quando se estabelece “como ler o *político* onde não está presente a *política*”, e que será fundamental para delimitar uma forma de ler o político na cultura, depois recuperada no projeto de crítica de *Punto de Vista*; um esforço de “latino-americanização” da revista, que aproxima substancialmente a Argentina e os demais países da América Latina e que também será perceptível em *Punto de Vista*; uma discussão sobre cultura popular e suas relações com os projetos nacionalistas, retomada e aprofundada na revista criada em 1978; um debate sobre o “pensamento nacional”, recuperado e desenvolvido em *Punto de Vista*; uma crítica dos meios de comunicação, desenvolvida apenas parcialmente por Sarlo e outros em *Los Libros* e

levada a uma dimensão de maior complexidade em *Punto de Vista*; e, por fim, uma postura de reflexão crítica a respeito da dependência cultural provocada pela realização de uma “crítica política da cultura” a partir de modelos importados, estimulando-se o debate sobre a libertação ou os problemas advindos dessas operações interpretativas e conclamando a necessidade de filtragem e adaptação dos modelos e instrumentos à realidade de países subdesenvolvidos e dependentes – essa preocupação se manteve em *Punto de Vista*, que dialogou efetivamente com modelos latino-americanos de crítica, como os de Ángel Rama, Antonio Candido, entre outros, sem perder o interesse pelos autores europeus e afins.

O trabalho em *Los Libros* teve, ademais, importante dimensão de intervenção política a partir de 1973-1974, graças à aproximação de Altamirano, Sarlo e Piglia aos grupos maoistas. A importância dessa aproximação na definição de temas e questões a serem debatidas é inegável, além de ela ter sido decisiva para a própria história interna dos intelectuais no periódico. Debateu-se na revista, por exemplo, como alcançar o objetivo de realização da revolução, bem como se discutiu a relação entre os intelectuais e os trabalhadores e a emergência de uma classe operária. Houve um esforço de “articular as práticas específicas dos intelectuais com as diversas organizações revolucionárias”, mesmo que *Los Libros* “estabeleça uma autonomia relativa do trabalho intelectual.”⁹ Trata-se, pois, de uma revista fundamental para a formação da “nova esquerda” e mais especificamente da “nova esquerda intelectual”, cujo projeto continuou, com rupturas, em *Punto de Vista*.

No que diz respeito à *Punto de Vista*, revista que começou a ser publicada sem uma declaração de princípios, sem um manifesto ou um editorial que explicasse seus objetivos, o periódico circulou, em março de 1978, em uma edição muito parecida, em termos gerais, com as últimas publicações de *Los Libros*, inclusive no que se refere aos aspectos gráficos/visuais. Veja-se, por exemplo, a capa e as páginas iniciais do número 44 de *Los Libros*, de janeiro-fevereiro de 1976 (o último dessa revista), e a capa e as páginas iniciais do número 01 de *Punto de Vista*, de março de 1978.

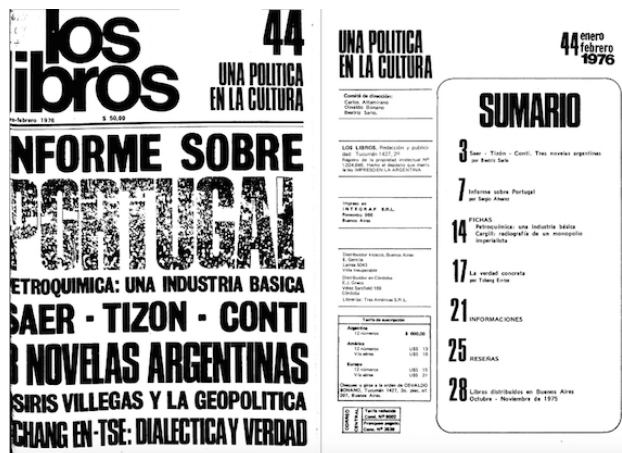


Figura 1: capa e sumário, *Los Libros*, n. 44, janeiro-fevereiro de 1976.



Figura 2: páginas 3 e 4, fragmento do artigo “Saer – Tizón – Conti. Tres novelas argentinas”, de Beatriz Sarlo, *Los Libros*, n. 44, janeiro-fevereiro de 1976.



Figura 3: capa e sumário, *Punto de Vista*, ano I, número 01, março de 1978.



Figura 4: páginas 3 e 4, fragmento do artigo “La parodia, lo grotesco y lo carnavalesco. Conceptos del personaje en la novela latinoamericana”, de Jean Franco, *Punto de Vista*, ano I, número 01, março de 1978.

Para além das semelhanças na identidade visual dos dois periódicos, decidiu-se mostrar as capas e as páginas iniciais para destacar como as revistas imbricam-se em outros aspectos. Ambas tinham em seus subtítulos a indicação de seu vínculo com a interpretação da cultura: em *Los Libros*, “Una política en la cultura” (subtítulo que se alterou ao longo de sua circulação); em *Punto de Vista*, “Revista de cultura”. De mais a mais, discutiram romances latino-americanos, no caso de *Los Libros*, um dos autores analisados no artigo de Sarlo é Juan José Saer, do qual a mesma intérprete se ocupou inúmeras vezes em *Punto de Vista*. Pode-se dizer que a revista

iniciada em 1978 se esforçava, em sua materialidade e em seu conteúdo, para indicar aos seus novos leitores a sua percepção do presente (na capa do número 01, há as expressões “o fim do mundo” e “o lugar da loucura”, que anunciavam textos publicados mas, obviamente, permitiam leituras conjunturais naquele momento) e a sua vinculação àquela publicação encerrada pela ditadura em 1976. Afinal, se em *Los Libros*, antes do fechamento, temas políticos eram discutidos com um pouco mais de liberdade – mesmo que os tempos derradeiros do governo de Isabel Perón tenham sido de crescente repressão, com o uso da força escapando ao controle estatal e/ou à regulação legal¹⁰ – e os autores assinavam os artigos sem maiores problemas, o cenário havia mudado em 1978.

Após análise dos vínculos entre os dois periódicos em investigação recente¹¹, parece cabível considerar uma série de continuidades entre *Los Libros* e *Punto de Vista*, a despeito das diferenças e das rupturas, como indicou José Luis de Diego¹². Protagonizando “um segundo momento da modernização crítica”, os intelectuais se viam em *Punto de Vista*, conforme disse Sarlo a Wolff, livres de “um tipo de teoria muito sólida que os mantinha aprisionados [em *Los Libros*].” Libertos, de acordo com Sarlo, desde o início dessa forma específica de relação com a teoria (o Estruturalismo e suas variações), os criadores de *Punto de Vista* deixaram de manter na nova revista, com qualquer teoria, “uma relação religiosa”¹³. Inclusive por isso, avaliar as continuidades e as rupturas entre as duas publicações garante uma percepção acerca das vinculações entre os “sessenta” e os “setenta” e desses com as décadas seguintes sem uma leitura causal simplificadora.¹⁴ Vale a pena, então, recuperar e detalhar alguns argumentos.

Como se disse antes, a revista *Los Libros* começou a circular na Argentina em 1969 e foi fundada e dirigida até o início dos anos 1970 por Héctor Schmucler, que depois participará, no exílio mexicano, da criação da revista *Controversia*. Retornando à Argentina, após um período na França desenvolvendo seu doutorado, Schmucler intentou criar uma revista que, de acordo com seu primeiro editorial, produziria “crítica da ideologia”. A publicação foi inspirada por revistas francesas, especialmente por aquelas produzidas pelo grupo próximo a Barthes, como *Tel Quel* e a revista bibliográfica *La Quinzaine Littéraire*. Em entrevista conferida em conjunto com Nicolás Rosa a Jorge Wolff, em agosto de 1998 (incluída na tese de doutorado do

entrevistador, de 2001), Schmucler explica suas relações com a expressiva produção estruturalista francesa desde meados dos anos 1960 e diz que, ao retornar à Argentina um pouco antes do Cordobazo – segundo ele, o primeiro número de *Los Libros* estava em preparação quando ocorreu o Cordobazo, em maio de 1969 –, juntou-se ao editor Guillermo Schavelzon, do Editorial Galerna, para começar a publicação.

Para Schmucler, o momento em que *Los Libros* começou na Argentina conferiu à revista sua “cidadania argentina” e o processo acelerado de politização da sociedade argentina após maio de 1969 marcou indelevelmente a publicação. Ou seja, apesar de inicialmente concentrada na divulgação bibliográfica, o que garantia à revista sua sobrevivência material – as editoras não apenas enviavam os livros para avaliação, mas também anunciavam no periódico –, *Los Libros* logo assumiu um projeto de crítica política da cultura e de produção de política cultural o qual, por fim, tornou-se estritamente político, implicando, inclusive, na saída de seu fundador.¹⁵

Se era no começo um periódico representante dos “telquelismos latino-americanos”, interpretados por Wolff¹⁶, *Los Libros*, além de ser um âmbito de renovação da crítica literária argentina e de combate à crítica impressionista e comercial de então – assim disse Piglia em entrevista Jorge Wolff¹⁷ –, aos poucos, pormenorizou seu “telquelismo” e se converteu em um espaço de incorporação e de debates sobre questões políticas e culturais propriamente argentinas e latino-americanas, inclusive no que diz respeito à sua vinculação estreita à militância maoista, por conta da presença oficial, desde 1971-1972, de Carlos Altamirano, Beatriz Sarlo e Ricardo Piglia no conselho editorial.¹⁸

Tendo em vista a participação de Altamirano, de Sarlo e de Piglia em *Los Libros* e a evidente semelhança, em termos gerais, dos projetos dos dois periódicos, acredita-se ser produtivo, para a interpretação de *Punto de Vista*, identificar as continuidades entre essa revista e *Los Libros*, sobretudo no que concerne aos debates, nos dois periódicos, sobre a literatura, sobre a tradição crítica argentina e latino-americana e sobre o pensamento acerca da Argentina e da América Latina, de forma mais ampla. Entretanto, para que seja possível explicitar em mais detalhes algumas das continuidades e também certas rupturas, é preciso apresentar melhor

quais foram as principais características e realizações de *Los Libros*. Como indicaram Patricia Somoza e Elena Vinelli:

Em julho de 1969 começa a ser editada a revista *Los Libros*. [...] O primeiro subtítulo de *Los Libros*, “Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo”, dá conta do propósito da publicação e da relação com seu modelo: como *La Quinzaine...*, pretendia intervir no mercado resenhando livros de literatura, antropologia, linguística, comunicação, psicanálise, teoria marxista, filosofia, e sustentava um critério rigoroso no momento da escolha de seus colaboradores, escritores, críticos, investigadores, que posteriormente seriam reconhecidos como destacadas figuras do campo intelectual argentino. A publicação tinha o propósito de fundar um espaço inexistente e “preencher um vazio”, especialmente no âmbito da crítica, que se propunha a modernizar a partir da incorporação de um conjunto de novos saberes que articularam os desenvolvimentos teóricos do pensamento europeu com a teoria da dependência.¹⁹

Pode-se notar na síntese acima o protagonismo que a revista pretendia alcançar desde os primeiros números, nos quais enfatizava seu caráter de ruptura e de novidade (“preencher um vazio”, como se afirmou antes). De qualquer maneira, trata-se de um exagero: sabe-se que havia outras instâncias de modernização crítica na Argentina naquele momento, inclusive outras revistas culturais. Publicada precariamente e irregularmente em termos de periodicidade nos primeiros tempos, *Los Libros* alterou-se bastante ao longo dos seus 44 números e sete anos de vida no que diz respeito ao formato, à diagramação, à proposta, à direção, aos colaboradores e aos financiadores.²⁰ Sobre esses aspectos, dizem Somoza e Vinelli, é perceptível como

A revisão das propostas iniciais, as mudanças e sucessivas reacomodações se vinculam a dois fundamentos que estiveram em constante tensão: um, vinculado à nova crítica, a difusão de novas correntes teóricas e sua relação com a política; e o outro, relacionado ao rol de intelectuais em uma situação política que se desenvolvia em uma velocidade inusitada.²¹

A ênfase na renovação teórica e crítica por meio do diálogo com novos autores e da atualização dos parâmetros analíticos foi, desde o início, parte importante do projeto de *Los Libros* – como também foi em *Punto de Vista* – e a revista conseguiu estabelecer redes intelectuais para além da Argentina, atingindo, por exemplo, Estados Unidos e Canadá. Apesar do seu desenvolvimento e crescente importância, nacional e internacional, as tensões internas do periódico se agravaram e, em 1971, culminaram no afastamento de Guillermo Schavelzon da função de editor

responsável. Diante de novas circunstâncias, inclusive de precariedade material (com o afastamento de Schavelzon rompe-se o vínculo entre ele e sua editora e a revista), o propósito inicial de publicar uma revista que fosse marcadamente um boletim de atualização e de renovação bibliográfica – de crítica de livros em formato de tabloide²² – começa a se converter em um novo projeto, explicitado na reformulação do subtítulo a partir do número 22: de “Un mes de publicaciones en América Latina” para “Para una crítica política da cultura”.²³ Tal reorientação resultou aos poucos em diminuição do interesse da revista no projeto inicial de divulgação bibliográfica e, em contrapartida, diminuiu o interesse das editoras em anunciar no periódico, provocando queda de receita.

Desde o número 23, de novembro de 1971, gradativamente, oficializou-se a nova direção, com Schmucler ainda no centro, mas com um Conselho do qual participavam, além dele, Ricardo Piglia e Carlos Altamirano, e depois, desde o número 25 (de março de 1972), Beatriz Sarlo, Germán Garcia e Miriam Chorne. Piglia colaborou com a revista desde o início sem aparecer efetivamente (como afirmou na entrevista que concedeu a Jorge Wolff), publicando artigos sob pseudônimo, e Altamirano e Sarlo conviviam proximamente com o núcleo de intelectuais, chegando a frequentar reuniões do periódico.²⁴ O momento foi, então, de redução da concentração inicial na renovação da crítica literária e das ciências sociais e de radicalização e politização dos intelectuais frente à fragmentação da esquerda e à ascensão da violência e da repressão. De modo geral: “A tensão entre literatura e política, e literatura e sociedade, produtiva no início, vai se resolvendo em uma nova e tensa relação entre política e sociedade, na qual a literatura e a crítica parecem perder lugar.”²⁵

Nessa circunstância de transição na revista, desde o início dos anos 1970, entre um momento de maior concentração na divulgação bibliográfica para outro em que crescia a atenção aos movimentos de operários e de estudantes e às questões concernentes aos problemas estruturais da sociedade argentina, avolumou-se, como indicou o historiador argentino Adrián Celentano²⁶, a publicação de informes, de documentos e de artigos e diminuíram-se as notas estritamente bibliográficas. As relações de Altamirano e de Sarlo com o Partido Comunista Revolucionário (PCR) e de Piglia com a Vanguardia Comunista (VC), agremiações maoistas da nova esquerda

resultantes de cisões com o Partido Comunista e o Partido Socialista na Argentina, estreitaram os laços da publicação com as preocupações maoistas sem que isso significasse a perda de autonomia do periódico, que manteve “um espaço de reflexão relativamente autônomo em relação à linha difundida pelos grupos maoistas.”²⁷

Ou seja, a “nova esquerda”, especialmente a “nova esquerda intelectual”, buscava, desde o início dos “sessenta”, consolidar as revistas político-culturais como novos canais de discussão do maoismo junto aos primeiros partidos e agrupamentos maoistas e às editoras. *Los Libros* e *Pasado y Presente* se integraram a esse esforço, do qual participaram, entre outras revistas, inclusive algumas publicações não maoistas, como *Crisis* (de grande tiragem e ressonância social, mais próxima do peronismo), *Cristianismo y Revolución* (mais próxima da discussão católica sobre a revolução) e *Nuevos Aires*, revista fundamental para o debate sobre o dilema “intelectuais e revolução”²⁸. Como indicou Celentano²⁹, até 1976, as revistas maoistas e as edições promovidas por selos editoriais como “Cuadernos de Pasado y Presente” e “La Rosa Blindada” renovaram a discussão acerca do marxismo e da experiência comunista.

Sarlo, Altamirano e Piglia protagonizaram essa transformação da revista *Los Libros*, principalmente a partir de 1973, quando dialogavam com o Partido Comunista Revolucionário, no caso dos dois primeiros, e com a Vanguardia Comunista, no caso de Piglia. Esses diálogos políticos ressoaram na revista a tal ponto que Schmucler, em 1974, deixou o grupo junto com Garcia e Chorne. A mudança não foi de forma alguma pacífica: Piglia se referiu à saída do fundador do periódico como “um golpe de estado” dele, de Sarlo e de Altamirano, e a própria Sarlo, em entrevista a Jorge Wolff, destacou sua leitura da situação de tensão que levou à saída de Schmucler. Se as posturas e ideias dos novos três diretores conquistaram simpatias e motivaram adesões, também resultaram em afastamentos e recusas, na dinâmica própria das redes e dos coletivos intelectuais. Em certos aspectos, a defesa de posições beirava o sectarismo.³⁰

De qualquer maneira, “a ‘crítica política da cultura’ argentina e latino-americana que combina as teses de Mao com o legado gramsciano e a tendência estruturalista francesa”³¹ empreendida por *Los Libros* se tornou relevante e o periódico chegou a publicar em 1974 um texto inédito de Mao, além de veicular o mencionado número

especial dedicado à China e traduzir artigos de revistas maoistas da nova esquerda da Itália e da França. Como observou Celentano, em *Los Libros*, as referências ao maoismo “alcançam os números dedicados à análise da escola argentina e dos movimentos sindicais docentes da época.”³²

Ainda no que diz respeito à aproximação de Sarlo, de Altamirano e de Piglia com o maoismo e com os grupos de orientação maoista, principalmente com a Vanguardia Comunista – cuja formação foi estudada por Celentano³³ –, é preciso lembrar que foi a VC a viabilizadora material de *Punto de Vista* em seus primeiros números e, nesse sentido, percebe-se que a proximidade se manteve após o fim de *Los Libros*, em 1976. Em sua investigação sobre a formação da Vanguardia Comunista na Argentina, Adrián Celentano³⁴ asseverou que a VC, fundada em 1965 a partir da ruptura com o Partido Socialista de Vanguardia, havia assumido em sua criação a tarefa de construção de um partido marxista-leninista. Liderada por Elias Semán, Roberto Cristina e Rubén Kristkausky, fundamentais no início de *Punto de Vista*, a nova organização acatava a postura geral maoista naquela conjuntura de se apresentar como alternativa à “velha esquerda”, ao Partido Socialista e ao Partido Comunista, e debatia na Argentina as propostas de inspiração soviética e cubana e o peronismo de esquerda, que desembocavam nas táticas e ações de guerrilha. Para os maoistas – e isso foi fundamental tanto em *Los Libros* quanto em *Punto de Vista* –, as proposições advindas da Revolução Cultural Chinesa permitiam aos intelectuais unir as preocupações e experiências políticas às preocupações e experiências estéticas, artísticas e culturais e ao mesmo tempo se distanciar do nacionalismo peronista e do “guerrilheirismo”.

Ocorreu em *Los Libros*, assim, depois de seu início mais próximo das referências do estruturalismo francês, inflexão expressivamente maoista, e os textos veiculados entre 1974 e 1976, ano do fechamento do periódico, voltaram-se à discussão prioritária das diferenças entre os projetos da URSS e da China, ao debate da Revolução Cultural Chinesa, com a diminuição das discussões acerca da América Latina, a não ser por meio das publicações e referências ao PCR e à VC. A prova de que as tensões não haviam arrefecido foi a saída de Piglia em 1975, motivada pelo apoio de Sarlo e de Altamirano à defesa de Isabel Perón pelo PCR contra o golpe, enquanto a VC não aceitava qualquer defesa do governo repressivo e autoritário da

última esposa de Perón. Piglia partiu então para os EUA e, no ano seguinte, a revista publicou, em fevereiro de 1976, o seu último número. Com o golpe militar em março do mesmo ano, a redação foi fechada e se perdeu o que seria o número 45.³⁵

Em síntese, em *Los Libros*, como evidenciaram os estudos de José Luis de Diego a respeito, desenvolveu-se, em um momento de poucas perspectivas na universidade argentina, uma nova crítica capaz de projetar intelectuais que se tornaram, nas décadas de 1980 e 1990, referências centrais do campo intelectual argentino; elaborou-se uma crítica literária de forte conteúdo político, vinculada ao presente e às obras recentes e atenta, conforme as matrizes francesas e europeias com as quais dialogou, à forma da escritura; atualizou-se teoricamente a prática crítica, a ponto – como foi costumeiro na época, em leitores de Althusser e de Barthes – de se fomentar certa ilusão de cientificidade que seria garantida pelo correto emprego das técnicas e dos instrumentos. Esse projeto, que se foi configurando na revista e que não esteve, em momento nenhum, antecipado ou projetado aprioristicamente, foi, nesse sentido, histórico e caracterizou-se pelo dinamismo, pelas tensões e pela ênfase na transformação e em uma “crítica política da cultura” estruturada desde a adaptação e a apropriação de referenciais estrangeiros para refletir a respeito de problemas internacionais e propriamente argentinos.³⁶

Punto de Vista continuou o projeto de *Los Libros* em alguns sentidos, expressivamente nos debates culturais e no fomento a certas políticas da cultura, mais especificamente no que diz respeito à necessidade de construção de uma perspectiva crítica atualizada que permitisse a releitura da tradição literária e teórico-crítica na Argentina. Contudo, a tradição que se quis ler criticamente a partir de 1978 incorporava o próprio trabalho de *Los Libros* e, nesse sentido, é preciso pormenorizar em *Punto de Vista* esse esforço de “filiação crítica” – de filiação e de desfiliação, caso se prefira – à trajetória daquela revista publicada entre 1969 e 1976 e a outras revistas argentinas. Conforme se interpretou em investigação concluída recentemente³⁷, a revista criada em 1978, combinando matrizes teórico-críticas e políticas pouco conhecidas nos círculos intelectuais argentinos e até mesmo algumas tidas como irreconciliáveis ou antagônicas, prosseguiu, com particularizações e transformações, no esforço de modernização cultural que se havia experimentado na revista *Los Libros*, na qual alguns dos fundadores e condutores de *Punto de Vista* foram figuras

fundamentais. Nesse sentido, *Punto de Vista* construiu um projeto capaz de reler a tradição crítica e literária argentina, inclusive a de *Los Libros*, desenvolvendo um ponto de vista assentado sobre a valorização da interpretação sócio-histórica e estética das obras. E *Punto de Vista*, ao longo dos seus trinta anos (1978-2008), ofereceu um tipo de crítica política da cultura diversa daquela que haviam feito em *Los Libros*: se na revista encerrada em 1976 tratava-se de encontrar, de valorizar e de interpretar as obras que ofereciam problematizações políticas das sociedades, em *Punto de Vista*, o objetivo foi desenvolver uma crítica na qual a cultura não deveria estar a serviço da política, uma crítica que desvelasse as imbricações entre cultura e política em todos os objetos de cultura.

¹ Professor Adjunto de História da América na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

² PIGLIA, Ricardo. Entrevista a Jorge Wolff, Buenos Aires, 29 de outubro de 1998. In: WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entrelugar dos trópicos*. Tese (Doutorado em Literatura) - UFSC, Florianópolis, 2001, Anexo 1 da tese, Entrevistas, p. 20-29.

³ DE DIEGO, José Luis. *Campo intelectual y campo literario en la Argentina (1970-1986)*. Tese (Doutorado em Letras) - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2000, p. 73. Tradução nossa, itálicos no original.

⁴ DE DIEGO, José Luis. *Campo intelectual y campo literario en la Argentina (1970-1986)*. Tese (Doutorado em Letras) - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2000, p. 74-75.

⁵ LOS LIBROS, *La creación de un espacio*, *Los Libros*, año 1, n. 1, jul. 1969, p. 3. Tradução nossa.

⁶ SCHMUCKER, Héctor; ROSA, Nicolás. Entrevista a Jorge Wolff, Florianópolis, 20 de agosto de 1998. In: WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entrelugar dos trópicos*. Tese (Doutorado em Literatura) - UFSC, Florianópolis, 2001, Anexo 1 da tese, Entrevistas, p. 16. Tradução nossa.

⁷ SARLO, Beatriz. Entrevista a Jorge Wolff, Buenos Aires, 15 de junho de 1999. In: WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entrelugar dos trópicos*. Tese (Doutorado em Literatura) - UFSC, Florianópolis, 2001, Anexo 1 da tese, Entrevistas, p. 34. Tradução nossa.

⁸ DE DIEGO, José Luis. *Campo intelectual y campo literario en la Argentina (1970-1986)*. Tese (Doutorado em Letras) - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2000, p. 76-83.

⁹ CELENTANO, Adrián. *Insurrección obrera y compromiso intelectual. Los intelectuales de Los Libros y de Cristianismo y Revolución frente al Cordobazo y el Viburazo*. *Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda*, Buenos Aires, n. 4, 2014a. [utilizou-se versão cedida pelo autor, com o conteúdo completo, cuja paginação e diagramação não correspondem à versão editada, p. 3 e 16. Tradução nossa.].

¹⁰ NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina: 1955-2010*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011, p. 133.

¹¹ SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. *Uma revista da ditadura à democracia: cultura e política em Punto de Vista (1978-2008)*. Tese (Doutorado em História Social) - FFLCH/USP, São Paulo, 2016.

¹² DE DIEGO, José Luis. *Campo intelectual y campo literario en la Argentina (1970-1986)*. Tese (Doutorado em Letras) - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2000, p. 127.

¹³ SARLO, Beatriz. Entrevista a Jorge Wolff, Buenos Aires, 15 de junho de 1999. In: WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entrelugar dos trópicos*. Tese (Doutorado em Literatura) - UFSC, Florianópolis, 2001, Anexo 1 da tese, Entrevistas, p. 44. Tradução nossa.

¹⁴ Há certa reticência dos intérpretes e mesmo dos intelectuais que produziram as duas revistas – os quais, é claro, não são os mais corretos atribuidores de sentido apenas por terem participado da elaboração dos periódicos – em considerar *Punto de Vista* como um projeto intelectual que continua o de *Los Libros*. Obviamente, as revistas são diferentes, foram produzidas em circunstâncias sociais, políticas e culturais bastante diversas, mas é inegável que em muitos aspectos a revista criada em 1978 levou adiante o legado daquela fechada em 1976. Tais vínculos – também perceptíveis, para dar outro exemplo, entre *Pasado y Presente*, *Controversia* e *La Ciudad Futura*, revistas produzidas pelos chamados “gramscianos argentinos” e alguns outros intelectuais, respectivamente, nos anos 1960, 1970-80 e 1990 – foram explorados mais detalhadamente em investigação recente (SEBRIAN, 2016) como parte da interpretação de *Punto de Vista* que parece mais adequada para a compreensão das origens e do desenvolvimento de certas preocupações dos intelectuais da revista.

¹⁵ SCHMUCLER, Héctor; ROSA, Nicolás. Entrevista a Jorge Wolff, Florianópolis, 20 de agosto de 1998. In: WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entrelugar dos trópicos*. Tese (Doutorado em Literatura) - UFSC, Florianópolis, 2001, Anexo 1 da tese, Entrevistas, p. 3.

¹⁶ WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entrelugar dos trópicos*. Tese (Doutorado em Literatura) - UFSC, Florianópolis, 2001; WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latinoamericanos. La teoría crítica francesa en el entre-lugar de los trópicos*. Buenos Aires: Grumo, 2009.

¹⁷ PIGLIA, Ricardo. Entrevista a Jorge Wolff, Buenos Aires, 29 de outubro de 1998. In: WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entrelugar dos trópicos*. Tese (Doutorado em Literatura) - UFSC, Florianópolis, 2001. Anexo 1 da tese, Entrevistas, p. 20.

¹⁸ A respeito, ver: CELENTANO, Adrián. *Insurrección obrera y compromiso intelectual. Los intelectuales de Los Libros y de Cristianismo y Revolución frente al Cordobazo y el Vitorazo*. *Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda*, Buenos Aires, n. 4, 2014a. [utilizou-se versão cedida pelo autor, com o conteúdo completo, cuja paginação e diagramação não correspondem à versão editada]; CELENTANO, Adrián. *La formación de Vanguardia Comunista, de la crisis del socialismo a la adopción del maoísmo y el problema de la construcción del partido revolucionario entre 1965 y 1969*. *VII Jornadas de Historia Política*, Tandil, 2012a. Disponível em: http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/vii_j_celentano.pdf Acesso em: 30 ago. 2013; CELENTANO, Adrián. *Las ediciones del maoísmo argentino. Actas del Primer Congreso Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición*. Buenos Aires, 2012b. Disponível em: <http://coloquiolibroyedicion.fahce.unlp.edu.ar/actas/Celentano.pdf> Acesso em: 03 fev. 2014; CELENTANO, Adrián. *Maoísmo y nueva izquierda. La formación de Vanguardia Comunista y el problema de la construcción del partido revolucionario entre 1965 y 1969*. In: TORTTI, María Cristina; CHAMA, Mauricio; CELENTANO, Adrián (Dirs.). *La nueva izquierda argentina (1955-1976): socialismo, peronismo y revolución*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2014b, p. 83-109.

¹⁹ SOMOZA, Patricia; VINELLI, Elena. Para una historia de *Los Libros*. [diálogo com Ricardo Piglia, Carlos Altamirano, Germán García, Guillermo Schavelzon, Héctor Schmucler] In: SCHMUCLER, Héctor et al. *Los Libros: edición facsimilar*. Volume 1. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011, p. 9. Tradução nossa.

²⁰ SOMOZA, Patricia; VINELLI, Elena. Para una historia de *Los Libros*. [diálogo com Ricardo Piglia, Carlos Altamirano, Germán García, Guillermo Schavelzon, Héctor Schmucler] In: SCHMUCLER, Héctor et al. *Los Libros: edición facsimilar*. Volume 1. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011, p. 9.

²¹ SOMOZA, Patricia; VINELLI, Elena. Para una historia de *Los Libros*. [diálogo com Ricardo Piglia, Carlos Altamirano, Germán García, Guillermo Schavelzon, Héctor Schmucler] In: SCHMUCLER, Héctor et al. *Los Libros: edición facsimilar*. Volume 1. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011, p. 9. Tradução nossa.

- ²² DE DIEGO, José Luis. Los intelectuales y la izquierda en la Argentina (1955-1975). In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 410.
- ²³ SOMOZA, Patricia; VINELLI, Elena. Para una historia de *Los Libros*. [diálogo com Ricardo Piglia, Carlos Altamirano, Germán García, Guillermo Schavelzon, Héctor Schmucler] In: SCHMUCLER, Héctor et al. *Los Libros*: edición facsimilar. Volume 1. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011, p. 9.
- ²⁴ SOMOZA, Patricia; VINELLI, Elena. Para una historia de *Los Libros*. [diálogo com Ricardo Piglia, Carlos Altamirano, Germán García, Guillermo Schavelzon, Héctor Schmucler] In: SCHMUCLER, Héctor et al. *Los Libros*: edición facsimilar. Volume 1. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011, p. 10-11.
- ²⁵ SOMOZA, Patricia; VINELLI, Elena. Para una historia de *Los Libros*. [diálogo com Ricardo Piglia, Carlos Altamirano, Germán García, Guillermo Schavelzon, Héctor Schmucler] In: SCHMUCLER, Héctor et al. *Los Libros*: edición facsimilar. Volume 1. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011, p. 14. Tradução nossa.
- ²⁶ CELENTANO, Adrián. Insurrección obrera y compromiso intelectual. Los intelectuales de *Los Libros* y de *Cristianismo y Revolución* frente al Cordobazo y el Viborazo. *Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda*, Buenos Aires, n. 4, 2014a. [utilizou-se versão cedida pelo autor, com o conteúdo completo, cuja paginação e diagramação não correspondem à versão editada, p. 2.].
- ²⁷ CELENTANO, Adrián. Insurrección obrera y compromiso intelectual. Los intelectuales de *Los Libros* y de *Cristianismo y Revolución* frente al Cordobazo y el Viborazo. *Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda*, Buenos Aires, n. 4, 2014a. [utilizou-se versão cedida pelo autor, com o conteúdo completo, cuja paginação e diagramação não correspondem à versão editada, p. 2. Tradução nossa.].
- ²⁸ DE DIEGO, José Luis. *Campo intelectual y campo literario en la Argentina (1970-1986)*. Tese (Doutorado em Letras) - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2000.
- ²⁹ CELENTANO, Adrián. Las ediciones del maoísmo argentino. *Actas del Primer Congreso Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición*. Buenos Aires, 2012b, p. 71. Disponível em: <http://coloquiolibroyedicion.fahce.unlp.edu.ar/actas/Celentano.pdf> Acesso em: 03 fev. 2014.
- ³⁰ SOMOZA, Patricia; VINELLI, Elena. Para una historia de *Los Libros*. [diálogo com Ricardo Piglia, Carlos Altamirano, Germán García, Guillermo Schavelzon, Héctor Schmucler] In: SCHMUCLER, Héctor et al. *Los Libros*: edición facsimilar. v. 1. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011, p. 14.
- ³¹ CELENTANO, Adrián. Las ediciones del maoísmo argentino. *Actas del Primer Congreso Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición*. Buenos Aires, 2012b, p. 72. Tradução nossa. Disponível em: <http://coloquiolibroyedicion.fahce.unlp.edu.ar/actas/Celentano.pdf> Acesso em: 03 fev. 2014.
- ³² CELENTANO, Adrián. Las ediciones del maoísmo argentino. *Actas del Primer Congreso Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición*. Buenos Aires, 2012b, p. 72. Tradução nossa. Disponível em: <http://coloquiolibroyedicion.fahce.unlp.edu.ar/actas/Celentano.pdf> Acesso em: 03 fev. 2014.
- ³³ CELENTANO, Adrián. La formación de Vanguardia Comunista, de la crisis del socialismo a la adopción del maoísmo y el problema de la construcción del partido revolucionario entre 1965 y 1969. *VII Jornadas de Historia Política*, Tandil, 2012a. Disponível em: http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/viij_celentano.pdf. Acesso em: 30 ago. 2013; CELENTANO, Adrián. Maoísmo y nueva izquierda. La formación de Vanguardia Comunista y el problema de la construcción del partido revolucionario entre 1965 y 1969. In: TORTTI, María Cristina; CHAMA, Mauricio; CELENTANO, Adrián (Dirs.). *La nueva izquierda argentina (1955-1976): socialismo, peronismo y revolución*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2014b, p. 83-109.
- ³⁴ CELENTANO, Adrián. La formación de Vanguardia Comunista, de la crisis del socialismo a la adopción del maoísmo y el problema de la construcción del partido revolucionario entre 1965 y 1969. *VII Jornadas de Historia Política*, Tandil, 2012a. Disponível em: http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/viij_celentano.pdf Acesso em: 30 ago. 2013.
- ³⁵ SOMOZA, Patricia; VINELLI, Elena. Para una historia de *Los Libros*. [diálogo com Ricardo Piglia, Carlos Altamirano, Germán García, Guillermo Schavelzon, Héctor Schmucler] In: SCHMUCLER, Héctor et al. *Los Libros*: edición facsimilar. Volume 1. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011, p. 18.
- ³⁶ DE DIEGO, José Luis. Los intelectuales y la izquierda en la Argentina (1955-1975). In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 410-412.
- ³⁷ SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. Uma revista da ditadura à democracia: cultura e política em Ponto de Vista (1978-2008). Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2016.